

Sonora Brasil

LÍRICAS FEMININAS

A presença da mulher na música brasileira

EDIÇÃO 2021



Sesc | Serviço Social do Comércio



Sesc | Serviço Social do Comércio
Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

Departamento Nacional
Direção-Geral
José Carlos Cirilo (interino)

Curadoria
Seleção realizada por todos os Departamentos
Regionais e o Departamento Nacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Cereida Cezar Giesteira – CRB-7/3921)

Sesc. Departamento Nacional.
Líricas femininas [recurso eletrônico]: a presença
da mulher na música brasileira / Sesc. Departamento
Nacional. – Rio de Janeiro : Sesc, Departamento
Nacional, 2021.
1 recurso eletrônico (10.400 Kb).

Suporte: E-book.
Formato: pdf.
ISBN 978-65-86695-20-5.

1. Projeto Sonora Brasil. 2. Música – Brasil. 3. Cultura
popular – Brasil. 4. Compositoras. 5. Letristas mulheres.
I. Título.

CDD – 780.92

©Sesc Departamento Nacional, 2021
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n. 9.610/1998.

Distribuição gratuita.
Telefone: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br

Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional

LÍRICAS FEMININAS

A presença da mulher na música brasileira

EDIÇÃO 2021



Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2021

SUMÁRIO

- 4** Apresentação
- 6** Líricas Femininas:
A presença da mulher na música brasileira
- 8** Ana da Rabeca e as Mulheres da Tradição
- 10** Ana Galganni, Dêza e Fernanda Guimarães
- 12** Clarissa Ferreira, Ana Matielo, Nina Fola,
Adriana de Los Santos e Emily Borghetti
- 14** Claudia Ribeiro, Débora Saraiva e Verônica Orkidia
- 16** Coletivo Negras Autoras: Elisa de Sena, Júlia Tizumba,
Manu Ranilla e Vi Coelho
- 18** Duo Icamiabas: Adriana Azulay e Madalena Jorge Aliverti
- 20** Eloá Eler, Júlia Nali, Elaine Vieira, Flávia Bonelli
e Dora Dalvi
- 22** Flávia Bittencourt e Célia Sampaio
- 24** Grupo Choro Prosa
- 26** Indá Açú
- 28** Isabela Huk, Amani Sviercoski e Letícia Silva
- 30** Josyara, Livia Mattos e Sthe Araújo
- 32** Juliana Linhares, Ilessi e Claudia Castelo Branco
- 34** Kali e Marcela Bonfim
- 36** Líricas Amazônidas: Cida Aripória, Cléia Alves, Gabi Farias
e Márcia Siqueira
- 38** Líricas Baianas: Alexandra Pessoa, Jana Vasconcellos,
Irma Ferreira e Morgana Moreno
- 40** Líricas Cuiabanas: Vera Capilé e Vera-Zuleika
- 42** Líricas Pernambucanas: Camila Yasmine,
Renata Cordeiro e Riáh
- 44** Líricas Raízes: Anne Louise, Ana Gabriela, Milena Makuxi
e Luiza Danielle
- 46** Nilze Carvalho, Samara Líbano, Giselle Sorriso,
Sylvia Duffrayer e Luana Rodrigues
- 48** Parteira Zenaide, AsAguadeiras e Kika Sena
- 50** Patricia Polayne, Mary Barreto e Rayra Mayara
- 52** Tamá Freire e Bumba Maria Meu Boi
- 54** Vó Mera e As Calungas
- 56** Zulmira Canavarros: tom e presença na
música mato-grossense
- 58** Biografias das compositoras que compõem os repertórios



Apresentação

O Sonora Brasil é uma ação que tem o objetivo de apresentar ao público brasileiro as mais diversas manifestações culturais do país. Por meio de apresentações musicais acústicas e comentadas, são mapeadas desde manifestações culturais de territórios isolados e interiorizados a novas experiências contemporâneas de fruição musical, ampliando a percepção sobre as pluralidades que constituem identidades e diferenças étnico-culturais no Brasil.

Estéticas e narrativas que historicamente são colocadas à margem dos processos de difusão musical pautam a elaboração, a curadoria e a realização do Sonora Brasil, resultado da integração entre o Departamento Nacional e os Departamentos Regionais do Sesc, por meio da Rede Sesc de Música, que envolve todo o corpo técnico da área de Música da instituição. Isso aprofunda os processos de discussão, pesquisa e produção, que colaboram para o conjunto de ações realizadas pelo Sesc para o desenvolvimento cultural e artístico do país.

Em 2021, em decorrência da necessidade de distanciamento social, as apresentações e as ações formativas que compõem o projeto ocorrem integralmente por meio digital, com a participação de cerca de 100 compositoras e 20 etnias indígenas de 21 estados brasileiros e do Distrito Federal. Destaque para outro aspecto fundamental do Sonora Brasil, que é o olhar, a escuta e a valorização das territorialidades, da diversidade e das memórias, mediante a expressão de seus autores e intérpretes.

Líricas Femininas: A presença da mulher na música brasileira

O tema pretende dar visibilidade à vasta produção que, tanto em volume como em qualidade, ainda não ocupa, de maneira equânime, os espaços consagrados à profissão. Ao tratar da presença da mulher nesse universo, o Sonora Brasil aborda o viés sociológico da representatividade de gênero, com enfoque à presença feminina no desenvolvimento da música brasileira a partir da voz tratada metaforicamente em seu sentido artístico (ser a voz) e político (ter voz). A voz, elemento central de identificação de gênero na produção sonora, terá lugar de destaque. A expressão lírica, que no período medieval denominava uma modalidade poética, cantada e declamada ao som de instrumento acompanhador, será utilizada como ponto de intercessão entre as abordagens. Os programas são interpretados e compostos exclusivamente por obras de compositoras e letristas brasileiras, reunidos especialmente para o Sonora Brasil.

Ana da Rabeca e as Mulheres da Tradição

Ceará



Da esquerda para a direita, Taynara Andrade, Ana da Rabeca, Maria Soares e Edna Rodrigues. Foto: Anderson Soares

O quarteto é uma junção inédita que traz composições selecionadas e representativas de mulheres cearenses, além de músicas de autoria desconhecida que dona Ana tocava na infância e ainda hoje traz na memória. O universo rural vivido por elas, sob a estética das manifestações tradicionais populares, está impresso na sonoridade marcante da rabeca, zabumba, triângulo e pandeiro. O grupo é formado por **Ana da Rabeca** (rabeca), que em 2017 recebeu o título de mestra da Cultura Umariense e em 2018, mestra da Cultura da região Centro-Sul e Vale do Salgado. **Maria Soares** (pandeiro), 80 anos, é irmã de Dona Ana, com quem tocou nos anos 1960. Depois que se casou, parou de se apresentar e se dedicou ao esposo e aos sete filhos, porém, há poucos anos, voltou a tocar pandeiro com sua irmã, mas sempre em casa. **Edna Rodrigues** (triângulo), 28 anos, negra, filha e neta de agricultores, aprendeu a tocar violão aos 15 e aos 17 anos já dava aulas do instrumento em uma escola pública. É professora de Música na Associação Cultural Maria Bonita e na Escola de Música Ana da Rabeca. **Taynara Andrade** (zabumba) tem 13 anos e é neta de Dona Maria. Desde pequena, convive com os músicos da família, como seu tio baterista, sua avó e Dona Ana da Rabeca. Foi a partir dessas vivências que despertou recentemente interesse em tocar zabumba.

Produzido pelo Sesc Ceará

Ana Galganni, Dêza e Fernanda Guimarães

São Paulo | Alagoas

O grupo traz um repertório que trata da relação do feminino com o mundo. As composições retratam o universo interno de cada artista e suas interações com a intuição, o amor, o contato com as divindades, a natureza e a vida em sociedade. **Ana Galganni** (voz, violão, *steel tongue*, pandeiro, flauta transversal, percussão corporal), cantora, compositora e instrumentista de São Paulo, vive em Maceió há 12 anos e vem de uma família repleta de dons artísticos que envolvem música, dança e artes plásticas. Estudou Canto Popular na atual Escola de Música do Estado de São Paulo. **Dêza** (voz, violão, percussão corporal), cantora e compositora natural de Arapiraca (AL), neta de poeta e folclorista, cresceu participando de folguedos da avó e de coral infantil em Feira Grande. **Fernanda Guimarães** (voz, violão e percussão corporal, agogô), cantora, compositora, instrumentista e produtora natural de Maceió (AL), descobriu seu gosto e talento para a música aos 7 anos ao ver seu pai tocar violão para os amigos na porta de casa.

Produzido pelo Sesc Alagoas



Dêza. Foto: Flávia Correia



Fernanda Guimarães. Foto: Léo Arcoverde

Clarissa Ferreira, Ana Matielo, Nina Fola, Adriana de Los Santos e Emily Borghetti

Rio Grande do Sul

O espetáculo *Líricas Sulinas* apresenta uma releitura dos signos sonoros identitários rio-grandenses a partir de um grupo de musicistas contemporâneas, representantes e identificadas com as múltiplas possibilidades do pertencer nesta terra. Em seus repertórios, cantam e tocam suas corporalidades, seus pertencimentos e suas relações com o território, perpassando, por vezes, de forma crítica, a cultura patriarcal tão enraizada e tomam para si linguagens e narrativas outrora veladamente intocadas. Com sonoridade híbrida a partir dessa possível amálgama de códigos culturais, formam o relevo por onde brotam as vozes de muitas eras, evocando as mulheres que vieram antes, vislumbrando o presente e tecendo novas possibilidades de ser e pertencer. O espetáculo é composto por **Clarissa Ferreira** (voz, violino e bombo leguero), **Ana Matielo** (voz e violão), **Nina Fola** (voz, sopapo e berimbau), **Adriana de Los Santos** (acordeom) e **Emily Borghetti** (voz, bombo leguero, sapateado e dança).

Produzido pelo Sesc Rio Grande do Sul





Verônica Orkidia. Foto: Maria Oliveira



Claudia Ribeiro. Foto: Ana Andrade



Claudia Ribeiro, Débora Saraiva e Verônica Orkidia

Rio de Janeiro

O encontro de três mulheres que trazem como base em suas ancestralidades a expressão e a musicalidade em vozes, percussão e dança. Ao reverenciarem os elementos da natureza que nos constituem e nos engrandecem com a força da poesia existente, potente e resistente em tempos de superação, marcam suas sonoras existências em Paraty (RJ), uma terra que gera frutos culturais a partir de encontros como esse. **Débora Saraiva** é percussionista, educadora e empreendedora social. No teatro Vento Forte, com o mestre Ilo Krugli, aprofundou sua pesquisa sobre os tambores, a música e a poesia popular brasileira. **Verônica Orkidia** é gestora cultural, pesquisadora de músicas de matriz africana e brincante de cultura popular afro-brasileira. **Claudia Ribeiro** é atriz, educadora, pesquisadora em teatro, música, dança e literatura. Tem licenciatura em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus Foz do Iguaçu (PR), e mora em Paraty há 8 anos onde atua, canta, toca e dança em alguns grupos locais.

Produzido pelo Polo Sociocultural Sesc Paraty

Coletivo Negras Autoras: Elisa de Sena, Júlia Tizumba, Manu Ranilla e Vi Coelho

Minas Gerais



Da esquerda para a direita: Vi Coelho, Júlia Tizumba, Elisa de Sena e Manu Ranilla. Foto: Paulo Oliveira

A partir da reunião de multiartistas negras, o coletivo nasce em 2014 e fortalece o protagonismo de mulheres que já vinham de outras trajetórias na música. Formado por **Elisa de Sena, Júlia Tizumba, Manu Ranilla** e **Vi Coelho**, o grupo vivencia uma sintonia artística que utiliza para descrever percursos das mulheres negras na sociedade. A estreia nos palcos se deu em 2015 com o espetáculo *Negra*, no qual assinaram toda a produção, e em 2017 estrearam *Eras*, com direção de Grace Passô e preparação vocal de Fabiana Cozza. Ambos os trabalhos versam sobre a ancestralidade e questões históricas vividas por mulheres negras. Dessa forma, o coletivo materializa a força da mulher negra como sujeita da narrativa ao contar sua própria história. As canções dos dois espetáculos dão vida ao primeiro álbum do coletivo. Para o Sonora Brasil, elas trazem um repertório de músicas de autoria das integrantes, além de artistas da cena mineira.

Produzido pelo Sesc Minas Gerais

Duo Icamiabas: Adriana Azulay e Madalena Jorge Aliverti

Pará

Adriana Azulay, pianista, concluiu com nota máxima o mestrado em Música de Câmara na Universidade de Karlsruhe (Alemanha). Atualmente, está na direção-geral do Instituto de Ciências da Arte (ICA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). **Madalena Jorge Aliverti**, formada em Canto na classe da professora Márcia Aliverti em 1995, iniciou seus estudos de música nos Estados Unidos, em 1997, onde obteve sua especialização e mestrado em Vocal Performance na Universidade da Carolina do Sul. Atualmente, é professora de Canto Lírico, Expressão Corporal, Música de Câmara e Interpretação Cênica, do primeiro e segundo grau e também do bacharelado em Música do Instituto Estadual Carlos Gomes.

Produzido pelo Sesc Pará



Eloá Eler, Júlia Nali, Elaine Vieira, Flávia Bonelli e Dora Dalvi

Espírito Santo

Da vida rural ribeirinha à realidade do litoral capixaba, na apresentação *O rio encontra o mar*, por meio do elemento água, o grupo representa uma parte da simbologia feminina em canções de mulheres capixabas. **Eloá Eler**, cantora e compositora, deu vida a canções que fazem referências à memória e à ancestralidade das montanhas da região do Caparaó onde nasceu. **Júlia Nali**, cantora e compositora de Vitória, começou a cantar aos 6 anos, por influência do pai, que a levou aos primeiros contatos com estúdio e palco ao seu lado. Em 2021, deu início à gravação de seu EP *Abra mundo*. **Elaine Vieira**, filha de Dona Marlene Maria, é atriz, cantora, diretora artística e escritora. Também é pedagoga formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), graduanda no Curso de Música na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pesquisadora de linguagens artísticas ligadas à temática afro-brasileira. **Flávia Bonelli**, percussionista, transita pelo universo da percussão corporal, instrumental e orgânica em projetos e festivais que potencializam a atuação de mulheres em artes diversas. Integrante do naipe de percussão da Orquestra de Mulheres do Espírito Santo e do trio musical feminino TRIA. **Dora Dalvi**, violonista, natural de Vitória, concluiu o Curso de Formação Musical da Faculdade de Música do Espírito Santo, atualmente é graduanda em licenciatura em Música pela UFES e atua como instrumentista em grupos, como o TRIA, o Combo UFES e o Fio de Lira.

Produzido pelo Sesc Espírito Santo

Da esquerda para a direita: Eloá Eler, Elaine Vieira, Flávia Bonelli, Dora Dalvi e Júlia Nali. Foto: Francinaldo Luiz de Oliveira





Flávia Bittencourt. Foto: Júlia Rodrigues

Flávia Bittencourt e Célia Sampaio

Maranhão

Flávia Bittencourt é cantora e compositora. Durante sua carreira, a artista sempre prezou por arranjos instigantes; a emoção de sua voz afinada, sensível, aprofunda-se a cada inflexão que puxa a interpretação para o centro do canto. Dona de um vibrato que se encaixa à perfeição nos finais das sílabas, seu cantar é fluido e tem o dom de deleitar mesmo os que se dizem saturados pelo “excesso de cantoras na praça”. Com 11 anos de carreira, prepara-se para a turnê e a gravação do seu quinto trabalho. Traz consigo, em seus arranjos, toda a experiência que adquiriu pelo mundo durante suas turnês nacionais e internacionais. **Célia Sampaio** é compositora, cantora, técnica de enfermagem, artesã e multi-instrumentista. Começou a cantar na década de 1980 e integrou a banda Guethos, uma das pioneiras do reggae nacional, quando ganhou o título de “Dama do Reggae”. Faz parte da ala de cantores do bloco Afro Akomabu e gravou o CD *Diferente*, além de duas coletâneas (*Oyá e Crioula*) e singles em plataformas digitais. Atualmente, está em gravação do novo EP. Já se apresentou no Pará, Piauí, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal e Alemanha, entre outros locais. Seus maiores sucessos são “Black Power” e “Ayabá Rainha”, ambas de autoria de Paulinho Akomabu.

Produzido pelo Sesc Maranhão



Célia Sampaio. Foto: Edu Aguiar

Grupo Choro Prosa

Distrito Federal

O Choro Prosa mescla choros instrumentais e cantados para contar histórias que contextualizam o choro, seus compositores e intérpretes. Nesta edição do Sonora Brasil *Líricas femininas*, o grupo realizará uma homenagem a uma pioneira da música em Brasília: a pianista, professora e compositora Neuza França, uma mulher fundamental para o desenvolvimento histórico da música no Distrito Federal. O grupo é formado por **Juçara Dantas**, violonista, professora da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, **Mariana Sardinha**, cavaquinista, graduanda em Licenciatura em Música na Universidade de Brasília (UnB), **Jéssica Carvalho**, pandeirista, rabequeira e cavaquinista entusiasta da cultura popular e das rodas de choro brasilienses, **Thanise Silva**, flautista, arranjadora e compositora brasileira, professora na Escola de Música de Brasília e **Alessandra Terribili**, cantora e compositora, pesquisadora e entusiasta da música brasileira.

Produzido pelo Sesc Distrito Federal



Da esquerda para a direita: Thanise Silva, Juçara Dantas, Mariana Sardinha, Jéssica Carvalho e Alessandra Terribili. Foto: Acervo Sesc DF



Da esquerda para a direita: Thaline Karajá, Narubia Werreria e Márcia Kambeba. Foto: Luiz Izidoro

Indá Açú

Amazonas | Pará | Tocantins

O grupo musical Indá Açú (O Grande Canto) nasce em janeiro de 2021, da fluida união de três vozes de mulheres indígenas cantoras, compositoras e ativistas, para desaguar em um grande canto e levar vida, força e resistência da sabedoria nativa. Somos a música de muitas águas, o clamor das matas que não vão silenciar. Vozes que compõem uma união de resistência, poesia do saber tradicional e cura. A música é a principal ferramenta sociopolítica e espiritual de transformação/resistência humana e celebração da vida. Fazem parte do grupo **Narubia Werreria**, etnia Iny, que atua hoje como liderança, ativista indígena e ambiental, artista plástica, poeta, palestrante, escritora, cantora e compositora, **Thaline Karajá**, etnia Iny, cantora e compositora, participante do *The Voice Brasil 2020*, poeta, ativista indígena e ambiental, maquiadora cinematográfica e atriz, além de **Márcia Kambeba**, etnia Kambeba, poeta, palestrante, cantora e compositora, ativista indígena e ambiental, escritora, doutora em literatura e ouvidora municipal.

Produzido pelo Sesc Tocantins

Isabela Huk, Amani Sviercoski e Letícia Silva

Paraná

O que surge antes, a pauta ou a voz? Vindas do interior, movidas pelo que vem de dentro, entrelaçadas pela composição, três mulheres, múltiplas entre si e em suas expressões, unidas contra o que desafia a toda aquela que abre a boca e solta sua voz. Nossa visão no mundo, nosso sentir, nossas palavras, nosso som. Com repertório integralmente autoral, formam o grupo **Isabela Huk**, artista que atua de forma independente, com criação de música para plataformas digitais, como cantora e instrumentista (violão, teclado e ukulele) no ramo de eventos, **Amani Sviercoski**, artista que teve seu primeiro contato com a música em grupos paroquiais na infância e tem longa carreira e experiência como vocalista, compositora, intérprete e arranjadora vocal e **Letícia Silva**, artista independente, cantora, instrumentista (violão e percussão) e compositora, que traz em seu samba de terreiro, vivências e ritmos, e no pulso e no punho cerrado, a potente oportunidade de ser mulher e cantar.

Produzido pelo Sesc Paraná



Isabela Huk. Foto: Chris Hout



Amani Sviercoski. Foto: Acervo pessoal



Letícia Silva. Foto: Marina Semensati



Josyara. Foto: Júlia Rodrigues



Sthe Araújo. Foto: Divulgação



Livia Mattos. Foto: Tiago Lima

Josyara, Livia Mattos e Sthe Araújo

Bahia | São Paulo

O trio inédito apresenta um show que reúne sonoridades múltiplas, características próprias das manifestações contemporâneas paulistas. A estética do samba de roda baiano do violão percussivo de **Josyara**, os arranjos de acordeom com fusões de raízes brasileiras e ritmos estrangeiros de **Livia Mattos** e os toques inspirados nas manifestações musicais afro-brasileiras de **Sthe Araújo**, formam, juntas, um caldeirão capaz de representar a música contemporânea cosmopolita de São Paulo, onde residem as três artistas. **Josyara**, compositora, cantora e violonista, reúne o tradicional ao contemporâneo ao expressar, por meio de seu trabalho, seu percurso sertão/litoral/metrópole. **Livia Mattos**, compositora, cantora, acordeonista e performer, desenvolve carreira internacional em festivais nos EUA, Áustria, Alemanha e Península Ibérica. **Sthe Araújo**, percussionista, improvisadora, atriz e arte-educadora, parte da pesquisa de sonoridades do maracatu e dos toques de umbanda para a criação musical contemporânea.

Produzido pelo Sesc São Paulo



Ilessi. Foto: Helena Cooper

Juliana Linhares, Ilessi e Claudia Castelo Branco

Rio Grande do Norte | Rio de Janeiro

O trio composto por Juliana Linhares, Ilessi e Claudia Castelo Branco apresenta um repertório diversificado, feito de composições próprias mescladas com as de outras compositoras brasileiras, o que privilegia produções de mulheres fluminenses. **Juliana Linhares** é cantora, compositora e atriz potiguar e acaba de lançar seu álbum de estreia intitulado *Nordeste Ficção*. Também é a voz à frente da banda Pietã desde 2012 e integrante do grupo Iara Ira. **Ilessi** é cantora, compositora, professora de Canto e pesquisadora carioca. Atua como cantora desde 1998 em todo o Brasil e em países como França, Suécia e Inglaterra. **Claudia Castelo Branco** é compositora, pianista e cantora carioca e completou vinte anos de carreira em 2020. Com o Duo Gisbranco, ao lado de Bianca Gismonti, lançou cinco álbuns e se apresentou em diversos países como França, Portugal, Espanha, Turquia, Canadá, Holanda e Irlanda.

Produzido pelo Polo Educacional Sesc



Claudia Castelo Branco. Foto: Juliana Castelo Branco



Juliana Linhares. Foto: Clarisse Lisovsky

Kali e Marcela Bonfim

Rondônia

Marcela Bonfim (1983) era outra até os 27 anos. Em SP, ainda em Jaú, cidade onde nasceu, acreditava no discurso da meritocracia. Já em Porto Velho, Rondônia, adquiriu uma câmera fotográfica e, no lugar das ideias, deu espaço a imagens de uma Amazônia afastada das mentes de fora, mas latentes ao lugar e às inúmeras potências desconhecidas a seu próprio corpo recém-enegrecido. Entre o samba e o rock, permeia o processo visual de (re)conhecimento da Amazônia Negra, que parte da visualidade até o despertar de sons e movimentos, na fluência do rio Madeira, do rio Guaporé, via Atlântico-Mar, na vivência e nas estórias de uma Amazônia enegrecida das mais possíveis imagens, contextos, climas e ambientes sonoros, para além dos universos verde/cinza; neste processo, refletidas em tons de negro, vermelho... **Kali Machado Tourinho**, nascida em Porto Velho, começou a compor com 15 anos, realizando seu primeiro disco *E a primavera chega*, em 2012, com a banda Kali. O grupo conquistou a indicação da imprensa local como revelação musical do ano de 2012, melhor grupo musical de 2013, participou de vários shows no Sesc Rondônia e também em locais como Centro Cultural São Paulo e FestCine Votorantim. Atualmente, divulga seu segundo disco, *Coisas da sua cabeça*, gravado pela YBmusic, em São Paulo.

Produzido pelo Sesc Rondônia



Marcela Bonfim. Foto: Gabriela Rabaldo



Kali. Foto: Yasmin Mamédio

Líricas Amazônidas: Cida Aripória, Cléia Alves, Gabi Farias e Márcia Siqueira

Amazonas

Grupo formado por compositoras, intérpretes e instrumentistas amazonenses de diferentes estilos e gêneros musicais, unidas pela resistência, autonomia e dedicação à música e à cultura do Amazonas. Trazem em suas composições e produções um pouco da mulher do Norte, passeando do rap ao boi-bumbá de Parintins à música popular amazonense (MPA), sempre com ênfase no protagonismo da mulher. **Cida Aripória**, mulher de raízes indígenas do povo Kokama, é cantora de rap (rapper) com 18 anos de atuação na cultura hip-hop e produção cultural, uma das pioneiras na cultura urbana manauara e exalta em suas composições as raízes indígenas e o empoderamento feminino. **Cléia Alves**, percussionista e cantora do grupo Malungo Dudu, é batuqueira e cantora do Maracatu Pedra Encantada, além de pesquisadora de danças populares. **Gabi Farias** é cantora, compositora e instrumentista. Começou a carreira em 2017, como integrante da Orquestra Puxirum, com a qual ganhou o festival de música universitário Manifest, em 2018. No ano seguinte, lançou seu EP *Vazante*, com quatro faixas. **Márcia Siqueira** é intérprete e se tornou a primeira levantadora de toada oficial do Boi-Bumbá Garantido de Parintins, lugar este de predominância masculina. Possui 4 CDs gravados do Boi-Bumbá Garantido, em que é chamada carinhosamente de “Rosa Vermelha”.

Produzido pelo Sesc Amazonas



Cida Aripória. Foto: Acervo pessoal

Cléia Alves. Foto: Acervo pessoal

Márcia Siqueira. Foto: Nascimento

Gabi Farias. Foto: Tadeu Rocha



Jana Vasconcellos. Foto: Rita Tavares



Alexandra Pessoa. Foto: Heder Novaes



Irma Ferreira. Foto: Italo Rodrigues



Morgana Moreno. Foto: Caio Lirio

Líricas Baianas: Alexandra Pessoa, Jana Vasconcellos, Irma Ferreira e Morgana Moreno

Bahia

Com o propósito de trazer um panorama da atual produção musical feminina da Bahia, o projeto Líricas Baianas apresenta um repertório de composições autorais e releituras, instrumentais e canções, que abordam assuntos contemporâneos entre força e sensibilidade da mulher, ancorados na ancestralidade feminina e afro-religiosidade baiana. **Alexandra Pessoa** é cantora, compositora e percussionista, com um trabalho autoral que traz sua memória musical afro-baiana e nordestina guiada pelos princípios da comunicação pelo tambor e o canto numa ponte entre o espiritual e o urbano. **Jana Vasconcellos** é violonista e compositora, graduada em Violão Clássico. Passeia por diversas atmosferas sonoras, contudo, é na bossa nova, no baião, no ijexá e na música erudita que estão suas principais referências. **Irma Ferreira**, soprano, graduada em Canto Lírico, é mestra em Performance Musical e pós-graduanda em História e Cultura Afro-brasileira. Integra como solista o Núcleo de Ópera da Bahia, o Laboratório de Ópera da UFBA e as orquestras Fred Dantas e São Salvador. **Morgana Moreno**, premiada flautista e compositora, possui carreira entre Brasil e Europa. Destaca-se por sua autenticidade, linguagem própria e som expressivo, resultado de seu contato com diferentes estilos musicais.

Produzido pelo Sesc Bahia

Líricas Cuiabanas: Vera Capilé e Vera-Zuleika

Mato Grosso

Vera Capilé é psicóloga, cantora, compositora e nascida em Dourados (MS). Desde criança adotou Cuiabá. A música faz parte de sua vida, afinal cresceu em uma família de músicos e cantores da velha guarda, das serestas e do chorinho. “Minha cultura musical é influenciada pela vivência nas fronteiras com o Paraguai, elaborando a fusão melódica que construiu o nosso rasqueado com o som das rezadeiras, com o siriri, a viola de cocho e o ganzá.” **Vera Baggetti**, carioca, radicada em Mato Grosso há 40 anos, é arquiteta, mestra em educação patrimonial, educadora transpessoal, professora universitária, artista plástica, ativista, cantora e compositora. **Zuleica Arruda** é cuiabana, arte-educadora com habilitação em Artes Plásticas, educadora transpessoal, bacharel em Direito, professora universitária, pós-graduada em Gestão Cultural e Metodologia do Ensino da Arte, artista plástica, ativista, cantora e compositora. **Vera-Zuleika** é a junção das duas: empreendedoras e artistas da área cultural, com larga experiência em práticas arte-educativas e ecoculturais aplicadas a inúmeros cursos, *workshops*, *talk shows* e palestras que realizaram no decorrer de suas carreiras. Moraram por dois anos na Áustria (Viena e Graz) e fizeram parte da equipe do carnavalesco Joãozinho Trinta por mais de vinte anos.

Produzido pelo Polo Socioambiental Sesc Pantanal





Riáh. Foto: Iris Marcolino



Camila Yasmine. Foto: Rubens Henrique



Renata Cordeiro. Foto: Cordeiro Audiovisual

Líricas Pernambucanas: Camila Yasmine, Renata Cordeiro e Riáh

Pernambuco

Traz um repertório de músicas autorais de três artistas pernambucanas que compartilham a essência da mulher sertaneja. Suas vozes ecoam em afirmação de suas identidades e visões de mundo. **Camila Yasmine** (voz), mulher preta, ribeirinha, pernambucana e brasileira, tem o Velho Chico como berço e traz o Samba de Vêio da Ilha do Massangano como força-motriz. Sua musicalidade e personalidade a permitiram conquistar um espaço importante na região do vale do São Francisco. **Renata Cordeiro** (voz e percussão), cantora, compositora, brincante popular, arcoverdense, há anos vem pesquisando a musicalidade dos povos originários e desenvolvendo artigos científicos. Sua trajetória é marcada por vivências em espetáculos teatrais e comunidades tradicionais. **Riáh** (voz e violão), nascida em Garanhuns, no interior de Pernambuco, tem formação acadêmica em Canto Popular pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). As raízes no agreste e sertão permeiam sua trajetória, na simplicidade de suas histórias e no sofisticado mundo de suas músicas.

Produzido pelo Sesc Pernambuco

Líricas Raízes: Anne Louise, Ana Gabriela, Milena Makuxi e Luiza Danielle

Roraima

O show *Raízes* busca expressar por meio de uma linguagem musical de instrumentos acústicos, a face de um povo e a mistura cultural presentes no estado de Roraima, ao retratar a rica diversidade encontrada nas terras nortistas e o entrelaço de gerações. O repertório do show é formado por canções autorais que abordam temas como brasilidade, ritual, ancestralidade e amor, com ritmos como MPB, reggae, xaxado, batuques e cantos tradicionais indígenas, de forma a salientar o protagonismo e a potência das vozes femininas do extremo norte do Brasil. O grupo é composto por **Anne Louise** (voz, sanfona e ukulele), **Ana Gabriela** (voz, violão e cajon), **Milena Makuxi** (voz, violão e percussão) e **Luiza Danielle** (percussão).

Produzido pelo Sesc Roraima

Da esquerda para a direita: Milena Makuxi, Anne Louise, Ana Gabriela e Luiza Danielle. Foto: Levi Damasceno



Nilze Carvalho, Samara Líbano, Giselle Sorriso, Sylvia Duffrayer e Luana Rodrigues

Rio de Janeiro

Cantar é um lugar dos afetos e do político, no sentido de estar na pólis, exercitar a cidadania e a política. É nesse sentido que a roda de samba é o lugar da construção da sociabilidade. É em torno dela que circulam maneiras de viver, celebrar a vida e a morte e se relacionar com o mistério em um âmbito complexo de ritmo e coreografia. A roda de samba é o território criativo que anima o espaço público e deixa nítido o quanto a civilização foi construída na rua, como o ponto de encontro é a rua. E, como cultura da diáspora, a roda de samba reconstrói a sociabilidade e torna viva a circulação e a presença do que podemos chamar de cultura de rua. A música é um convite para se entregar à arte, buscar afinidade e deixar fluir a emoção. Em um sentido, é a coragem de deixar sair o que se sente por dentro, nos sentimentos mais reais, porque é o que se vive de corpo e alma. Neste programa, contaremos com um quinteto de importantes sambistas cariocas, compositoras, instrumentistas, cantoras e pensadoras da arte e da cultura. Sob a direção musical de **Nilze Carvalho**, as artistas **Samara Líbano**, **Giselle Sorriso**, **Sylvia Duffrayer** e **Luana Rodrigues** trarão um repertório com sambas cantados nas rodas de samba cariocas femininas, como Moça Prosa, Movimento das Mulheres Sambistas, Samba que Elas Querem e Flor do Samba.

Produzido pelo Sesc Rio de Janeiro



Luana Rodrigues. Foto: Carolina Merat



Sylvia Duffrayer. Foto: Divulgação



Giselle Sorriso. Foto: Cris Vicente



Nilze Carvalho. Foto: Valéria Martins



Samara Líbano. Foto: Cris Vicente



Kika Sena. Foto: Sarah Bicha



Amanda Schoenmaker. Foto: Acervo do Teatro Popular de Ilhéus



Parteira Zenaide. Foto: Igo Estrela

Parteira Zenaide, AsAguadeiras e Kika Sena

Acre

Parteira Zenaide, natural do alto rio Tejo, município de Marechal Taumaturgo, Acre, um dos locais mais isolados do Brasil, e é descendente do povo Ashaninka com brasileiros do Nordeste. É liderança do movimento das parteiras do Juruá, vive em Rio Branco e apresenta suas canções do movimento das parteiras, cordéis cantados tradicionais do Juruá, canções que compõe no momento do nascimento com origem no nome do bebê e odes à natureza nos ritmos nativos de baques de samba, marcha e outros. O **grupo AsAguadeiras** é formado por **Maiara Rio Branco**, multi-instrumentista, compositora, produtora musical e atriz e **Amanda Schoenmaker**, cantora, atriz e compositora. E para o Sonora Brasil, o conjunto é finalizado com a parceria da poeta, intérprete e atriz **Kika Sena**. O grupo trabalha com instrumentos orgânicos (baixo, violão e percussão), vozes, poesia e interpretação performática, e é composto por releituras de músicas da dupla contando com as poesias de Kika Sena. O show é composto pelos temas que nos atravessam como o afeto como resistência, as denúncias contra o modelo branco-cis-heteronormativo-europeu-patriarcal e as resistências do Norte e das periferias. É uma ode à diversidade em formato poético-musical.

Produzido pelo Sesc Acre

Patricia Polayne, Mary Barreto e Rayra Mayara

Sergipe

Patricia Polayne, uma das mais expressivas vozes da música nordestina contemporânea, cantora e compositora, reinterpreta referências que vão da Tradição Oral à Tropicália, do Coco ao Cocteau Twins, da música latina aos ritmos afro-brasileiros. O estilo musical da artista é fruto de um trabalho original de pesquisa e vivência, com os timbres de sua região, em Sergipe. A fusão entre esses ritmos e outros elementos da música universal resulta em canções e imagens que compõem um delicado e apreciado trabalho autoral. **Mary Barreto** é intérprete, compositora, instrumentista e produtora fonográfica. Seus principais trabalhos são ligados à cultura popular, folclore e música brasileira. Pesquisa, cataloga e produz trabalhos musicais de grupos como o Catadoras de Mangaba e o Mamulengo de Cheiroso. Produziu e dirigiu diversos shows e peças de teatro, trilhas sonoras e produção fonográficas. **Rayra Mayara**, cantora, compositora e arranjadora nascida em Aracaju, desde 2016 vive entre Bahia e Sergipe. É multi-instrumentista e graduanda no curso de Música Popular com habilitação em Composição e Arranjo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atuou em diversos grupos e coletivos, a exemplo dos Canarinhos de Sergipe e do Instituto Rumpilezz. Atualmente, é vocalista e cavaquinhoista nos grupos Samba de Moça Só, em Aracaju, e integra o coletivo de mulheres Sambaiana, em Salvador.

Produzido pelo Sesc Sergipe



Patricia Polayne. Foto: O ateliê



Rayra Mayara. Foto: Divulgação



Mary Barreto. Foto: Raiane Souza

Tamá Freire e Bumba Maria Meu Boi

Distrito Federal

Tamá Freire é educadora, brincante, cantora, compositora e sambista. Filha dos mestres Teodoro Freire e Maria Sena, Tamá iniciou sua trajetória na cultura popular aos 12 anos, quando começou a brincar no Bumba Meu Boi, como indígena e, mais tarde, indo para o cordão tocar matraca e maracá. Em 2001, compôs sua primeira toada, e com a benção de seu Teodoro, passou também a compor e cantar as toadas do Boi. Além do Boi, Tamá tem uma relação íntima com o carnaval e com o samba do Distrito Federal. Em 1985, desfilou como baianinha pela Acadêmicos da Asa Norte. Em 2009, retornou à escola, dessa vez como compositora. O amor pela cultura tão enraizada em sua família e a saudade de seu pai fizeram Tamá transformar a trajetória de Seu Teodoro em um trabalho de conclusão de curso, em 2000. A publicação serviu de base ao documento para conceder ao mestre Teodoro Freire o título de Patrimônio Cultural e Imaterial do Distrito Federal. Tamá dedica-se a ministrar oficinas em projetos de cultura popular e é diretora artística do **Bumba Maria Meu Boi**.

Produzido pelo Sesc Distrito Federal



Tamá Freire. Foto: Webert da Cruz

Vó Mera e As Calungas

Paraíba

Domerina Nicolau da Silva, a **Vó Mera**, reside em João Pessoa, mas é natural de Alagoinha (PB). Em 2003, fundou seu grupo de ciranda, composto só por mulheres, o Vó Mera e suas netinhas. Além de mestra da Cultura, Vó Mera é compositora, tem um CD gravado, participou da novela *Velho Chico* como atriz e em 2018 recebeu o título de comendadora da Cultura pelo Governo Federal. *Paraíba da raiz à flor* apresenta um encontro de jovens compositoras e a ancestralidade, um repertório que mescla ritmos da tradição popular com as composições de uma nova geração de mulheres artistas da Paraíba. O grupo **As Calungas**, formado desde 2012, é atualmente composto por oito mulheres percussionistas e tem por objetivo a pesquisa, a interpretação e a divulgação de ritmos da cultura popular. Já dividiu palcos com artistas como Escurinho, Cátia de França e Saulo Fernandes e desenvolve um projeto pioneiro em João Pessoa, desde 2015: um bloco formado apenas por mulheres que reuniu 160 percussionistas para o desfile no centro histórico durante o carnaval de 2020.

Produzido pelo Sesc Paraíba



Fotos: Acervo pessoal



Zulmira Canavarros: tom e presença na música mato-grossense

Mato Grosso

Quatro intérpretes contemporâneas se unem para homenagear a compositora, pianista e dramaturga Zulmira Canavarros. Nascida em 14 de novembro de 1895, em Cuiabá, Zulmira d'Andrade Canavarros foi considerada uma mulher de vanguarda. Além de grande ativista cultural e social, foi a primeira mulher do estado a fundar um clube de futebol, o Mixto Esporte Clube. Destacou-se na composição de peças teatrais, mas na música estava a raiz de sua criatividade. No piano, tocava do clássico ao popular, no órgão, a música litúrgica. Suas composições têm inspirações na zona rural, com cantos folclóricos, num entremeio de sabor ameríndio e lundu, com inserções de danças e canções brejeiras ou maliciosas. O grupo é formado por **Flávia Vieira** (pianista, regente e compositora), **Iasmin Medeiros** (cantora), **Sãmara Polyne Muniz de Oliveira** (violinista) e **Bibiana Bragagnolo** (pianista).

Produzido pelo Sesc Mato Grosso

Fotos: Acervo pessoal

Biografias das compositoras que compõem os repertórios

Adriana de Los Santos (RS)

Em 1992, iniciou sua carreira como instrumentista de gaita ponto em rodeios e festivais amadores. De 2005 a 2012, a gaiteira participou das bandas As Gúrias, Só Gúrias e As Bahgualadas, e no final de 2012, Adriana criou a banda Gúrias Gaúchas. Em 2014, lançou seu segundo CD e entrou para o time da marca Roland, representando oficialmente a gaita FR-18 pelo Brasil e pelo mundo. Ministra aulas de gaita ponto no Instituto Renato Borghetti de Música.

Alexandra Pessoa (Salvador-BA, 1981)

Cantora, compositora e percussionista. Participou do grupo de percussão e orquestra da UFBA e acompanhou artistas como Roberto Mendes e Tigana Santana. Em 2019, participou da turnê Sempre Viva em Lima, no Peru. Seu trabalho traz sua memória musical afro-baiana e nordestina guiada pelos princípios da comunicação por meio do tambor e do canto em uma ponte entre o espiritual e o urbano. Seu primeiro álbum autoral foi gravado em 2017 em que atua como cantora, percussionista e diretora musical. O mesmo processo a acompanha no seu novo EP *Tambora*.

Aline Lobo (BA)

Cantora e compositora, é natural e residente de Salvador, onde teve passagem como vocalista em bandas locais (Ronco da Madrugada, Massa Real e a Coisa Mandada), e mescla MPB, samba, música baiana e outros ritmos na sua trajetória musical. Homenageou artistas consagrados, como Djavan e Gilberto Gil, em seus projetos artísticos, além de

divulgar as próprias músicas. “Na Rua” e “Os Rios” ganharam repercussão nas mídias sociais. A artista também participou do Sonora – Ciclo Internacional de Compositoras, no ano de 2016, o que possibilitou o compartilhamento de outras canções autorais a respeito de inquietações existenciais, sociais e vivências espirituais, contribuindo de bom grado para a riqueza do respectivo festival.

Amani Niclevisk Sviercoski (PR)

Seu primeiro contato com a música foi em grupos paroquiais na infância. Com longa carreira e experiência como vocalista, compositora, intérprete e arranjadora vocal, classificou-se para festivais de música sacra e no Festival Universitário da Canção, atuou como regente e corista do Coral Sagrada Canções. Atuou como diretora artística vinculada à Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, e foi responsável pela Orquestra Sinfônica Cidade de Ponta Grossa (OSPG), pelo Coro Cidade de Ponta Grossa (CCPG) e pelo Grupo de Teatro Cidade de Ponta Grossa (GTPG).

Ana Gabriela (RR)

Cantora, instrumentista e compositora natural de Boa Vista (RR). Jornalista formada pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Começou a tocar violão aos 15 e, aos 18, entrou para a banda Jamrock, a qual faz parte até hoje como guitarrista e vocalista. Participou do Sesc Amazônia das Artes em 2013 com a Jamrock, passando por 10 estados brasileiros. Em 2019, a banda participou da Invasão Nortista, uma miniturnê de seis meses por Goiás, se apresentando em festivais e casas culturais de Goiânia, Anápolis e Brasília com outras cinco bandas de Roraima.

Ana Galganni (AL, 1986)

Cantora, compositora, instrutora de música e multi-instrumentista, nasceu em São Paulo e é radicada em Maceió. Estuda dança contemporânea com a bailarina Erica Bearlz e compõe trilha sonora para audiovisual. É criadora do espetáculo *Piafiana – Uma homenagem a Edith Piaf* e da performance solo

Tube de ensaio. Lançou os álbuns *Pulsares* (2014) e *Torus* (2015), com a banda Divina Supernova. E uma linguagem eletrônica mesclada à MPB. Fez turnês dos álbuns na Europa, Japão e EUA e prepara o próximo trabalho autoral para o fim de 2021.

Ana Matielo (RS)

Compositora, cantora, violonista, natural de Porto Alegre e graduada em Música Popular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estudou Canto Lírico e participou dos grupos corais Expresso 25 (2012–2016) e grupo UPA! (2016–2019). Na universidade encontrou paixão em se dedicar à composição musical e aos estudos feministas. Seu primeiro EP autoral, *Clara* (2021), traz ritmos tradicionais do Brasil e aborda feminismos, ancestralidade e vivências cotidianas. Ana integra o conjunto de folclore internacional Os Gaúchos. Sua sonoridade tem influência da música coral, ritmos tradicionais e experimentações vocais.

Ana Terra (R)

Compositora profissional desde 1975, tem cerca de 200 gravações de obras musicais com letras de sua autoria, como “Essa Mulher”, “Pé sem Cabeça” e “Sai Dessa”, gravadas por Elis Regina; “Meu Menino”, gravada por Milton Nascimento e Nana Caymmi; “Da Cor Brasileira”, gravada por Maria Bethânia; “Ensaio de amor” e “É só uma canção”, gravadas por Emílio Santiago; “Amor meu grande amor”, gravada por Barão Vermelho e Ângela Rô Rô; “Virando Pó”, “Direito à vida” e “Mãe e Filha”, gravadas por Elton Medeiros; “Insana” e “Minha Arte”, gravadas por Sueli Costa e Lucinha Lins; “Essa Mulher”, gravada por Dori Caymmi, Leila Pinheiro e Renata Arruda; “Os dois”, “Eu sou carioca”, “Diz a Ela” e “Essência”, gravadas por Lisa Ono; e “Sai Dessa”, gravada por Mart’nalía. Publicou os livros *Letras e Canções e Estrela*. Recebeu prêmio do Ministério da Cultura pelo roteiro original do longa-metragem *Os Campos de São Jorge*. Produz e dirige audiovisuais e tem peças de teatro inéditas. Ao lado da criação artística, atua como ativista política, participando do movimento independente das artes, da implantação do canal comunitário de Niterói e dos fóruns de música.

Em 2004, foi tema do documentário *Ana Terra*, do cineasta Luiz Rosemberg Filho. É sócia fundadora da Casa do Músico.

Anastácia Lia (São Luís-MA, 1986)

Neta de Careca, sobrinha de Zé Pitó, ambos grandes compositores maranhenses, fazedores de cultura, fundadores da escola de samba Turma do Quinto. Batizada por Léo Spirro, exímio boêmio e músico maranhense, amigo de juventude do seu pai, carrega consigo um *aval* afetivo e musical valorosíssimo. Cantora, sua verve compositora, como ela se define, se deu como um marco divisor de águas em sua carreira, na gravação da sua primeira música autoral, “Agridoce”, sob a direção musical de Edson Bastos, que produz grande parte dos seus trabalhos.

Andressa Ferreira (Dessa Ferreira/RS)

Cantora, percussionista, bacharel em Música Popular pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), produtora musical brasileira, filha de piauienses e reside desde 2014 em Porto Alegre. Atualmente é liderança do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco, do Fundo Baobá, com o projeto Mulheres Negras e Tecnologia: Produção Musical Enegrecida. Dessa é uma das fundadoras e compositoras do grupo Três Marias e idealizadora do Núcleo de Vivência em Percussão e do Coletivo Pretambor (Ngoma).

Ângela Linhares (Fortaleza-CE)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente é professora titular da UFC, assessora pedagógica da Associação de Corais Infantis “Um Canto Em Cada Canto”, dramaturga do grupo Formosura de Teatro e do Vidança Cia. de Dança do Ceará. É cantora e compositora, trilha há mais de 40 anos o caminho da música autoral e lançou seu primeiro disco, *Perto do Coração, Aqui Mesmo*, em 2018. Suas músicas tratam do imaginário do povo cearense a partir de matrizes que envolvem lutas sociais, natureza, sonho, poesia e amor.

Anna Lages (MG)

Artista de Belo Horizonte, conhecida como importante percussionista, cantora e compositora, canta e conta sobre suas realidades vindas da ótica feminina, artística, materna e periférica. Sua estética bebe de fontes como Congado Mineiro, Pandeiro Moderno, Curimbas Umbandistas e os cantos ensinados por tantas mulheres de seu cotidiano.

Anne Louise Sanfoneira (RR)

Cantora, compositora e instrumentista. Começou a tocar sanfona aos 9 e se apresenta profissionalmente desde os 11. Faz shows acompanhada por sua banda/trio pé de serra familiar Flor do Norte, que já se apresentou por dois anos seguidos no maior arraiaá da região norte, Boa Vista Junina. Em 2019 e 2021, foi selecionada para a Mostra de Música Sesc *Canta Roraima*. Anne Louise vem ganhando cada vez mais a cena musical, cênica e cultural do seu estado. Participou recentemente do VII Festival Internacional da Sanfona.

Babi de Oliveira (Salvador-BA, 1913-1993)

Pianista, compositora e atriz de rádio, iniciou seus estudos de piano com sua mãe, a pianista Maria Isaura Leite Oliveira, e deu continuidade à sua formação no Instituto de Música da Universidade Católica do Salvador, em novembro de 1927, ocasião em que recebeu o certificado com aproveitamento excelente e distinção em piano. Teve como mestres Luiza Barbosa e Sílvio Deolindo Fróes, diretor do Instituto. Permaneceu em Salvador toda a infância até a idade adulta, cidade na qual desenvolveu sua carreira como pianista e deu seus primeiros passos como compositora. Muitas vezes utilizou como tema os ritmos fortes da música brasileira, assim como o sincretismo cultural e religioso. Em 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde consolidou sua carreira como compositora e atriz de radionovela.

Bianca Gismonti (RJ)

Pianista e compositora. Aos 9 anos iniciou os estudos de piano e teoria musical e aos 15 começou a tocar com o pai e o irmão violonista, Alexandre Gismonti, pelos palcos do mundo. Aos 18, entrou no curso de bacharelado em Piano na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e antes dos 20, vivenciou a magnitude do palco com a atriz Leandra Leal e com a pianista Claudia Castelo Branco, com quem criou o duo de pianos Duo Gisbranco. Em dez anos de carreira foram dezenas de viagens, turnês internacionais, três CDs lançados, um DVD coproduzido pelo Canal Brasil e parceria com músicos como Chico César, Jaques Morelenbaum, Carlos Malta, Marcos Suzano e Mônica Salmaso. Em 2016 lançou seu primeiro DVD com o Duo Gisbranco “Gisbranco 10 Anos – Mills Records” e gravou, em Budapeste, Hungria, seu terceiro CD autoral com o BG Trio, *Desvelando Mares*, lançado no Brasil e na Europa em 2017.

Camilla Farias (PB)

Atriz, cantora e compositora – seu trabalho é um reflexo dessa multifacetada artista. Nascida em João Pessoa, sua história se confunde com a história de sua família. Começou a trabalhar como atriz quando veio para o Rio de Janeiro em 1995, aos 5 anos, e desde então concilia suas carreiras em paralelo. Em 2010 deu início ao seu trabalho autoral, mesclando composições próprias e músicas que afetivamente estavam ligadas ao seu caminho, incluindo releituras de músicas do seu avô e uma composição em conjunto com sua mãe. Ali começou o projeto do show *Singeleza*, que teve o incentivo e a presença ilustre das cantoras Janaina Azevedo e Zezé Motta.

Cátia de França (João Pessoa-PB, 1947)

Catarina Maria de França Carneiro é cantora e compositora e tem como principal referência de sua obra a literatura, com inspirações em autores como Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Manoel de Barros e João Cabral de Melo Neto. Multi-instrumentista, domina o piano, a sanfona, o violão, a flauta e a

percussão. Com cerca de quarenta anos de carreira, gravou três LPs, apresentou-se na Europa, tocou ao lado de nomes como Zé Ramalho, Elba Ramalho, Amelinha, Sivuca e Jackson do Pandeiro. Também se dedica às artes plásticas e à literatura. Publicou três livros, um deles dedicado ao público infantil.

Célia Sampaio (São Luís-MA, 1966)

Compositora, cantora, técnica de enfermagem, artesã, multinstrumentista. Começou a cantar na década de 1980, integrou a banda Guethos, uma das pioneiras do reggae nacional, e ganhou o título de Dama do Reggae. Faz parte da ala de cantores do bloco Afro Akomabu. Gravou o CD *Diferente*, além de duas coletâneas (*Oyá e Crioula*) e singles em plataformas digitais. Já se apresentou no Pará, Piauí, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal, Alemanha, dentre outros. Seus maiores sucessos são “Black Power” e “Ayabá Rainha”, ambas de autoria de Paulinho Akomabu. Já cantou com Chico César, Alcione, Rita Benedito, Eric Donaldson, Marcia Griffiths, Zeca Baleiro, Leci Brandão, Clã Nordestino, Virginia Rodrigues.

Clarissa Ferreira (RS)

Etnomusicóloga, pesquisadora, educadora, produtora, diretora musical e compositora do Rio Grande do Sul. Alia seu trabalho autoral com pesquisas que abordam questões que repensam o regionalismo gaúcho nos espaços sociais e na geografia local. Possui quatro singles lançados e em 2021 está produzindo seu primeiro álbum autoral que se chamará *LaVaca*. É criadora do blog e podcast *Gauchismo Líquido*, da escola on-line Oficina de compositoras e integrante do grupo As Tubas.

Claudia Castelo Branco (RJ)

Compositora, pianista e cantora, completou 20 anos de carreira em 2020. Com o Duo Gisbranco, ao lado de Bianca Gismonti, lançou 5 álbuns e se apresentou em diversos países como França, Portugal, Espanha, Turquia, Canadá, Holanda e Irlanda. O último trabalho do dueto foi o CD *Pássaros*, de composições autorais

em parceria com Chico Cesar. Lançou em 2016 o CD autoral *Você na Nuvem* em parceria com Marcos Campello, e em 2020 o projeto *Cantada Carioca*, onde interpretou canções de 12 compositoras cariocas em formato de piano e voz, durante a pandemia. Faz parte do coletivo de cantautores Selva Lírica, ao lado de Ilessi, Demarca e Thiago Thiago de Mello. Integra os espetáculos *Você corta um verso, eu escrevo outro* e *O som da Palavra*, ambos com o grupo MPB4, com quem lançou dois singles em 2020: “Gota D’Água” e “Maria Maria”. É bacharel em Piano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Composição pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Deilde Santos do Nascimento (João Pessoa-PB)

Conhecida como **Del Santos**, escolheu o nome artístico em homenagem a seus pais, com quem teve vivência musical desde criança. Graduada em Educação Artística com habilitação em Música pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), multinstrumentista e professora de música, foi regente titular do Coral Universitário/Campus IV (UFPB), regente auxiliar do Coral D’Artes e percussionista na Rubação Jazz Band, no Grupo de Tubas e Eufônios da Paraíba, no Grupo Oitavas no Choro, no Grupo Flor da Paraíba.

Dêza (AL)

Cantora, compositora e autogestora, é uma artista autodidata. Subiu ao palco pela primeira vez no Festival de Música do Sesc em 2004, foi marcadora de coco de roda em Maceió e representou o Brasil em Nova Iorque num concurso internacional de Canto. Lançou o primeiro álbum autoral *Desanuviar* (2015) de nova MPB e um videoclipe independente, participa da coletânea da Lab Fantasma com “Maria Marisqueira”, canção de sua autoria, e tem lançamento de música nova para o final de 2021 como parte do próximo trabalho.

Dona Elisa (MG)

Cantora, compositora, primeira compositora de samba-enredo de Belo Horizonte, a rainha da velha guarda do samba belo-horizontino é natural de Águas Formosas (MG). É uma das poucas mulheres do samba mineiro, compositora com mais de setecentas canções registradas, e com o primeiro CD lançado em 2017, chamado *Diploma da vida*.

Elisa de Sena (MG)

Artista com formação em Música e em Artes Cênicas. Trabalha artisticamente desde 1999, e tem atuado prioritariamente como cantora, compositora e percussionista. Participa do Grupo Tambor Mineiro, é uma das fundadoras e membro do Coletivo Negras Autoras, além de integrar o também coletivo Lugar de Mulher, como apresentadora de uma web série musical feminista. Seu trabalho é fortemente enraizado na percussão afro-brasileira, em especial nos tambores de Minas Gerais, mesclados com as possibilidades que o universo da música eletrônica oferece na contemporaneidade. Suavidade e força marcam a sonoridade desta mulher negra que não separa o seu lugar de fala do seu fazer artístico.

Elienai Menezes (RR)

Musicista, mestre em educação e escritora. É uma das professoras fundadoras da Escola de Música de Roraima. Cantora e compositora, gravou os CDs *Tribo Brasil* (2000) e *Canções da Terra* (2020), seu mais recente trabalho, que reúne 12 canções autorais. Em nível nacional, participou do Projeto Pixinguinha, e do FEMUCIC, em Maringá. Foi premiada na área musical e literária e realiza palestras em escolas de Boa Vista, com patrocínio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura do estado de Roraima.

Eloá Eler (Vitória-ES, 1996)

Cantora e compositora capixaba, deu vida a canções que fazem uma série de referências à memória e à ancestralidade das montanhas da região do Caparaó, onde nasceu. A forte presença afro-indígena das

canções se une à delicadeza das interpretações, compondo paisagens sonoras em que o mato, o rio, a cachoeira, os sacis, entre outras entidades na natureza, não são apenas ditos, como também sentidos.

Eneida Baraúna (MG)

Mestre em Educação e licenciada em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduada em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. É atriz, musicista, compositora e pesquisadora nas áreas de Teatro, Educação e as relações étnico-raciais negras.

Fernanda Guimarães (AL, 1981)

Intérprete, compositora, instrumentista e produtora. Aos 16 anos iniciou sua fase profissional na banda Fator Rh (Rock 1998–2000). Lançou o álbum *Verbo Livre* (2010), dividiu palco com Djavan, circulou por festivais do país e integra a produção do Festival Carambola de Maceió. Está em atividade com o bloco Rasgando o Couro Rock Maracatu e seu mais recente trabalho gravado é o EP *Pés em Casa* em homenagem a Alagoas, onde o forró é o ritmo que permeia ao valorizar suas raízes nordestinas.

Flávia Bittencourt (São Luís-MA, 1980)

Cantora, compositora, instrumentista e atriz. cursou licenciatura em Música pela Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Geysa Souza (MA)

Compositora e cantora de músicas carnavalescas, começou seu interesse musical aos 15 anos estudando instrumentos musicais, tais como violão e teclado. Em 2009, realizou composições para bloco de carnaval alternativo de São Luís do Maranhão, lançando o primeiro CD da manifestação com suas músicas em 2010. Em 2013, lançou sua composição “Raça Bomba no Maranhão”, no Festival Maranhense de Música Carnavalesca, realizado pelo Sistema Mirante de Comunicação, consagrando-se como a primeira composição de afoxé a vencer o festival,

na voz da cantora Célia Sampaio. Em 2014, lançou CD com suas composições carnavalescas com a produção musical de Marcus Lussaray, e participou de circuitos carnavalescos na capital.

Gracilene Pinto (São Vicente de Ferrer-MA, 1957)

Advogada, poetisa, escritora e compositora. cursou Direito e História na Universidade Federal do Maranhão. Aos 8 anos, fez Canto Coral no grupo escolar Desembargador Sarney e começou a escrever seus primeiros versos. Somente depois de sofrer um AVC hemorrágico, que a deixou com sequelas do lado direito do corpo, que a arte extravasou aos borbotões e a levou a compor músicas e escrever crônicas, poesias, romances, roteiros etc. Já possui nove livros publicados (outros tantos ainda por publicar), oito roteiros para teatro, dois para cinema e um grande acervo de músicas.

Helena Nobre (Belém-PA, 1888)

Faz parte da terceira geração da família Nobre – uma tradicional família de músicos paraenses. Assim como seus ancestrais e irmãos, seguiu a carreira musical, com destaque para a arte do Canto Lírico, cenário em que interpreta, compõe e dá aulas particulares. Helena Nobre assumiu a profissão de cantora em uma época que a mulher de classe média burguesa ou de elite recebia um perfil de educação com foco em se casar e praticar atividades domésticas, aprendia a falar francês para orgulhar seu marido, pai e/ou irmão, além de tocar piano e cantar nos encontros familiares. Essa realidade era muito diferente de mulheres negras e pobres de Belém, como Joana Pedro e Miriam Grossi demonstram em suas pesquisas. A “Rouxinol Paraense”, como foi batizada Helena Nobre, cantou em palcos de várias cidades brasileiras, assim como na Rádio Club do Pará (PRC-5), tanto trechos operísticos quanto canções de compositores internacionais e nacionais, inclusive paraenses.

Iara Ferreira (SP)

Cantora, compositora e escritora. Paulista da cidade de Itapira, iniciou sua trajetória artística aos 12 anos no teatro do colégio e, sendo criada no bojo de uma família de músicos e artistas amadores, sempre teve ao seu redor um ambiente de estímulo à criação e à expressão por meio da arte. Aos 15 teve seu primeiro poema publicado em um jornal da pequena cidade e, em 2009, foi uma das fundadoras do Projeto Nosso Samba, um encontro semanal de compositores, que resultou no CD independente *A canoa não pode virar*, com uma faixa de sua autoria intitulada “Amores de Ocasão”. Em 2010 mudou-se para o Rio de Janeiro, para estudar na Escola Portátil de Música, como aluna de Amélia Rabello, Maurício Carrilho, Luciana Rabello, entre outros. Integrou neste mesmo ano a escola de percussão Batucadas Brasileiras, como aluna de Sérgio Chiavazzoli, Marçal Filho e Jorge Gomes, onde se apresentou ao lado de Gilberto Gil e Moacyr Luz. Atualmente é uma das integrantes do projeto Livre União de Autoras (LUA), ao lado de Ilessi, Milena Tibúrcio, Carla Capalbo e Luana Dias, que se dedica a apresentar as composições destas instrumentistas e cantoras em espetáculos coletivos.

Ilessi (RJ)

Cantora, compositora, professora de Canto e pesquisadora carioca. Atua como cantora desde 1998, em todo Brasil e em países como França, Suécia e Inglaterra. Seu primeiro CD se chama “Brigador – Ilessi canta Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro”, com arranjos e direção musical de Luis Barcelos. Seu segundo CD *Mundo Afora: Meada* tem arranjos e direção musical de Thiago Amud, e canções de Alexandre Andrés, Milena Tiburcio, Paloma Roriz, Paulo Rocha, entre outros. Em 2020 lançou *Com os pés no futuro - Ilessi e Diogo Sili interpretam Manduka*, bem como o disco *Dama de Espadas*, com músicas próprias, e produção musical de Elísio Freitas e Vovô Bebê. É formada em licenciatura em Música e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais (POEMUS), pela UNIRIO. Como pesquisadora, participou de diversas mesas em universidades brasileiras e instituições culturais

sobre temas como corpo e voz, mulheres na música, mulheres negras na música, o negro na música e improvisação vocal.

Illa Benício (Salvador-BA)

Cantora, compositora e multi-instrumentista baiana, tocou em diversas turnês nacionais e internacionais, apresentando-se ao lado de artistas como Mercedes Sosa e Carlinhos Brown. Participou dos festivais da Educadora FM de 2010 e de 2012. Em 2013, gravou e coproduziu seu primeiro disco autoral, *Flor de Xangô*, ao lado de Júlio Caldas e Richard Meyer, que teve a música “E o que virá?!” indicada à categoria de melhor voz no prêmio Caymmi do ano de 2015. Em 2018, estreou seu show autoral *Illa Benício* no Jazz nos Fundos, em São Paulo, ao lado da banda Black Rio. Atualmente, circula no eixo São Paulo-Rio de Janeiro-Salvador, pesquisa novas estéticas sonoras, compõe e produz seu novo disco *Odisseia Brasileira* (2021), o qual lançará numa turnê em 2022.

Inara Novaes (Vitória-ES, 1983)

Compositora, arte-educadora e artista multilinguagem com atuação em música, artes visuais, dança e cultura popular. Integra a Banda de Congo Mestre Alcides da Barra do Jucu desde a infância, sua principal fonte de inspiração e de aprendizagem musical. Participou dos Festivais Blues e Jazz de Santa Teresa, Sérgio Sampaio, Identidade Capixaba e da Capital Europeia da Cultura em Portugal, com o trabalho Sons do Brasil. Gravou *Ritmos Brasileiros*, de Jovaldo Guimarães e Linha D'água, um projeto musical de sua autoria com influências da MPB, afro-brasileiras e indígenas.

Isabel Nogueira (Pelotas-RS, 1974)

Assina como Bel Medula. Compositora, artista sonora, produtora musical e musicóloga. É bacharel em Piano, doutora em Musicologia pela Universidade Autônoma de Madri (2001), professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos cursos de graduação, mestrado e doutorado. É coordenadora do Grupo de Pesquisa

Sônicas: Gênero, Corpo e Música (UFRGS). Tem artigos e livros publicados sobre música e gênero, criação sonora e pesquisa artística.

Isabela Huk (Ponta Grossa-PR)

Atua de forma independente, com criação de música para plataformas digitais, como cantora e instrumentista (violão, teclado e ukulele) no ramo de eventos. Foi solista no projeto *Cantata de Natal* da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, realizou apresentação no Festival Universitário da Canção e participou do Reality Show *The Voice Brasil*. Atua como professora de técnica vocal e musicalização infantil e lançou o EP autoral *Subverso*.

Jana Vasconcellos (Salvador-BA, 1982)

Violonista e compositora, começou a tocar aos 12 de forma autodidata. Posteriormente, iniciou seus estudos na UFBA, graduando-se em Violão Clássico sob a orientação do professor Mario Ulloa. A composição chegou de forma natural e intuitiva em 2005 com “À beira-mar”. Dentre diversos festivais que participou, destaca-se o X Festival de Música Educadora FM, em que venceu com a cantora e parceira Priscila Magalhães e a música “Sopro forte”. Jana é uma instrumentista que passeia por diversas atmosferas sonoras. Contudo, é na bossa nova, no baião, no ijexá e na música erudita que estão suas principais referências.

Jeanette Ferreira da Costa (RS, 1942-2017)

Nasceu na cidade de Cruz Alta em 1942, no estado do Rio Grande do Sul, e morreu em abril de 2017. Aprendeu música cedo em casa, pois sua mãe tocava sete instrumentos. Na década de 1960, conheceu Nelson, com quem fez dupla por mais de vinte anos. Juntos, gravaram 22 discos. Na capital gaúcha, se apresentaram no programa *Grande Rodeio Coringa*, da rádio Farroupilha, saudados com destaque pelos famosos animadores Darcy Fagundes e Luiz Menezes. A dupla fez muito sucesso entre os anos 1960 e 1970. Nos anos 1980, Jeanette decidiu dissolver a

dupla, quando terminou o relacionamento com o companheiro. Depois, se dedicou a carreira solo e participou de outros conjuntos. A artista gaúcha é considerada a rainha do acordeom.

Josyara (BA)

Nascida em Juazeiro, no interior da Bahia, traz nas composições um olhar sensível sobre sua história, embaladas por um violão percussivo e potente. A artista lançou em 2018, pelo Edital Natura Musical, seu segundo disco, *Mansa Fúria*, que traz um retrato da cantora, compositora e violonista baiana em seu percurso sertão/litoral/metrópole. Com a produção, participou dos festivais Coala, Rec Beat, SIM-SP, Primavera, Eu te amo!, Bananada, Dosol, BR165, entre outros. Ganhou o prêmio WME de 2019, como revelação. Em 2020, lançou o disco *Estreite* em parceria com seu conterrâneo Giovani Cidreira.

Joyce Moreno (RJ)

Nascida no Rio de Janeiro, a cantora, compositora, arranjadora e instrumentista Joyce Moreno tem uma extensa bagagem de discografia e cerca de 400 gravações de músicas suas por alguns dos maiores nomes da música popular brasileira, como Elis Regina, Maria Bethânia, Monica Salmaso, Gal Costa, Milton Nascimento, Ney Matogrosso, entre outros. Composições suas são utilizadas em trilhas sonoras de filmes, programas de TV e espetáculos teatrais. Sua marca registrada foi, desde o início da carreira, a linguagem feminina na 1ª pessoa, no que foi pioneira: foi a primeira compositora brasileira a se expressar desta forma na história da MPB, abrindo caminho para um sem-número de outras criadoras que viriam depois.

Juju Brito (Juiz de Fora-MG)

Percussionista e cantora formada em Psicologia, atualmente cursa Musicoterapia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Filha da cantora e instrumentista Rosana Brito, do grupo Lúdica Musical, começou a cantar aos 9 anos no coral da escola e aos 12 mudou-se para Belo Horizonte.

Apresentou maior interesse pela percussão e pelos ritmos, quando começou a tocar com o Grupo Lúdica Musical em shows pelo Brasil e uma das temporadas em Portugal. É membro-fundadora dos grupos Harém da imaginação e Mariada, além de participar do Grupo Tambor Mineiro junto a Maurício Tizumba. Atuou como montadora da oficina lúdica de ritmos de 2007 e 2008. Participou de oficinas de percussão com Maurício Tizumba, Bangalafumenga do Lucas Ciavatta, criador do método O Passo, e Letieres Leite junto à Geraes Big Band (UFMG).

Júlia Nali (Vitória, 1994)

Cantora e compositora de Vitória, é bacharelanda em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo Campus Goiabeiras (Ufes) e cursa on-line Canto e Violão na Casa do Choro (RJ) desde 2020. Começou a cantar aos 6 anos, influenciada por seu pai, músico, e teve seus primeiros contatos em estúdio e palco ao seu lado. Foi cantora por sete anos da orquestra Pop & Jazz, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), apresentou-se em festivais de jazz e música popular no seu estado, e participou da gravação de discos como os de Carlos Papel e de Célio Paula. Interpretou Mirian Batucada no espetáculo *Os Kavernistas* (2018-2019). Em 2021 se iniciaram as gravações de seu primeiro EP *Abra mundo*.

Júlia Tizumba (MG)

Nascida em Belo Horizonte, formada no Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais, em Jornalismo pela PUC Minas, mestra e doutoranda em Artes Cênicas, cantora e percussionista, começou seus estudos artísticos aos 10 anos. É atriz da Companhia Burlantins e uma das idealizadoras da Mostra Benjamin de Oliveira. Também integra o Coletivo Negras Autoras, atuando como compositora, cantora e instrumentista. É regente e ministra aulas de percussão na Associação Cultural Tambor Mineiro. Integrou o elenco dos musicais: *Elza*, *O frenético Dancin Days*, *Oratório*, *NEGR.A*, *ERAS*, *Clara Negra*, *Madame Satã*, *Zumbi e O negro*, *a flor e o rosário*.

Juliana Linhares (RN)

Cantora, compositora e atriz potiguar, acaba de lançar seu álbum de estreia. Intitulado *Nordeste Ficção*, o trabalho tem direção artística de Marcus Preto e produção musical de Elísio Freitas. Nascida em Natal, Juliana foi viver no Rio de Janeiro em 2010. Essa mudança deu a ela um lugar de observação privilegiado a respeito dos clichês com que o resto do país enxerga o Nordeste. Sobre o processo de composição solo mais intenso no último ano, ela afirma que, depois de tanto tempo trabalhando na música como intérprete, começou a sentir uma necessidade grande de fazer canções, de se experimentar no lugar de compositora. Também é a voz à frente da banda Pietá desde 2012 e integrante do grupo Iara Ira, junto das cantoras Júlia Vargas e Duda Brack. Antes de lançar seu álbum, gravou o EP *Perdendo o Juízo*, produzido pela cantora baiana Josyara.

Juliana Ribeiro Barros (Serra Branca-PB)

Musicista e professora de música graduada em Educação Artística com habilitação em Música pela Universidade Federal da Paraíba, foi a primeira mulher formada em Musicalização e em Percussão pela Escola Estadual Antenor Navarro. Percussionista em As Calungas desde 2014, hoje é chefe do naipe das alfaias no Projeto Oficinas, onde o grupo dá aulas gratuitas para mulheres.

Kali (RO)

Kali Machado Tourinho nasceu em Porto Velho e começou a compor com 15 anos, realizando seu primeiro trabalho com o disco *E a primavera chega*, em 2012, com a banda Kali. O grupo conquistou a indicação da imprensa local como revelação musical do ano de 2012, melhor grupo musical de 2013, e participou de vários shows no Sesc Rondônia e também em locais como o Centro Cultural São Paulo e o FestCine Votorantim. Atualmente divulga seu segundo disco, *Coisas da sua cabeça*, gravado pela YBmusic, em São Paulo.

Letícia Carvalho Silva (PR)

Desde 2015 busca pela profissionalização musical iniciada em Guarapuava na Unicentro. Participou como backing vocal na banda Adoc e experimentou pela primeira vez uma composição própria no palco do Festival Unicentro da Canção – única mulher na composição e o primeiro lugar na categoria. Em 2018, participou da XIII Semana de Integração e Resistência, do Centro Acadêmico João do Rio (UEPG), na mesa com o tema “Resistência e Música Independente” e, no mesmo ano, fez parte da Campanha do Sexta às Seis, com a música autoral “Intermitência” junto a Amanda Kristin e Bruna Elisa. Em 2019, participou do Sexta às Seis, em noite histórica do primeiro show formado apenas por mulheres.

Lili Buarque (AL)

Cantora, compositora e produtora cultural, é bacharel em Direito e artista. Toca, escreve e pinta para dar vazão à criatividade e à poesia. Gravou seu primeiro disco *Sereno* (2015) e teve entre suas conquistas uma pré-indicação ao Prêmio da Música Brasileira, em 2016. Em 2018, lançou os singles “Clareia”, “Você Cotidiano” e “Raízes”. Como agitadora cultural, é idealizadora e produtora do Festival Carambola, em Maceió, que desde 2017 serve como propulsor da arte e da cultura do estado de Alagoas.

Lívia Mattos (BA)

Nascida em Salvador (BA), é acordeonista, cantautora, performer e socióloga. Com seu trabalho musical, apresentou-se em festivais em Viena, em Nova Iorque, em Frankfurt, em Macau, na Galícia, entre outros locais. Em 2017, lançou seu álbum autoral *Vinha da ida*, pelo Natura Musical, com arranjos ousados, letras inventivas e fusões incomuns de raízes brasileiras e ritmos além-fronteiras. No mesmo ano foi selecionada pelo edital internacional do programa OneBeat (EUA), apresentando-se por quatro estados estadunidenses e saindo da experiência com um trio instrumental formado pela egípcia Yasmine El Baramaway e a colombiana Johana Amaya.

Luê (Belém-PA, 1989)

Cantora e compositora, nascida em uma família musical, a artista teve contato com essa linguagem artística desde a infância. Filha de Júnior Soares, do tradicional Arraial do Pavulagem, grupo de Belém voltado para a pesquisa, produção e valorização da cultura popular do norte do Brasil, Luê é cria de um caldeirão fervilhante de ritmos e gêneros. Ao se mudar do Pará para São Paulo, trouxe na bagagem a riqueza cultural de sua terra natal para dar início à carreira fonográfica como cantora solo e no projeto BABY, com seu companheiro Mateo.

Luísa de Paula (MG)

A cantautora e atriz formada pela Bituca – Universidade de Música Popular é graduanda em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integra os grupos As Panderista, Cia Atemporal, Ponto Qu4tro e bloco Bruta Flor.

Maíra Baldaia (MG)

Cantora, atriz e diretora de comunicação. É considerada uma das representantes da boa e nova safra de cantautores do Brasil. Apresenta a enunciação feminina e afropop mineira como grandes forças em seu trabalho criativo.

Manu Ranilla (MG)

Pandeirista, tamborzeira, compositora, cantautora, programadora de música editada, fazedora de vinhetas e trilhas. Formada pela Bituca – Universidade de Música Popular, estudou com mestres da música como Ian Guest, Serginho Silva, Gilvan de Oliveira, Cleber Alves e Filipe Moreira. Sua fonte musical é a música afro-mineira: o pandeiro, os tambores, as caixas de folia, os patangomes, os gungas e as congas são instrumentos essenciais na sua pesquisa musical e em seu universo de música percussiva e eletrônica.

Marcela Bonfim (RO)

Era outra até os 27 anos. Em SP, ainda em Jaú, cidade onde nasceu, acreditava no discurso da meritocracia. Já em Porto Velho, Rondônia, adquiriu uma câmera fotográfica e, no lugar das ideias, deu espaço às imagens de uma Amazônia afastada das mentes de fora, mas latentes ao lugar e às inúmeras potências desconhecidas em seu próprio corpo recém-enegrecido. Entre o samba e o rock, permeia o processo visual de (re)conhecimento da Amazônia Negra, que parte da visualidade até o despertar de sons e movimentos na fluência do rio Madeira, do rio Guaporé, via Atlântico-Mar, na vivência e nas estórias de uma Amazônia enegrecida das mais possíveis imagens, contextos, climas e ambientes sonoros, para além dos universos verde/cinza, neste processo, refletidas em tons de negro, vermelho... a partir de melodias enraizadas com a essência da terra na culturalidade e potência local.

Marcelle Guamá (Paris, 1892-RJ, 1978)

Filha de Émile Henry Lainiez e Mary Eugêny Bolage, Marcelle Gabrielle Lainiez casou-se muito jovem com o paraense Flávio de Miranda Corrêa de Guamá e foi residir em Belém. Tinha boa formação musical e era pianista e cantora. Estreou em Belém, em 19 de dezembro de 1918, cantando “Le Crucifix”, letra de Victor Hugo, música de Fauré, acompanhada ao órgão por Conchita de Araújo nas solenes exéquias mandadas celebrar pelo cônsul francês em Belém, Mr. Eduard Payan, como homenagem póstuma aos mortos da guerra. Teve importante atuação na capital paraense como professora e cantora. Manteve curso particular de Canto muito frequentado. Por volta de 1945, fixou-se no Rio de Janeiro. Compositora de canções líricas, quase todas com versos de poetas brasileiros.

Márcia Kambeba (AM)

É do povo Omágua/Kambeba do Amazonas. Mestre em Geografia, poeta, escritora, compositora, palestrante e ativista de assuntos indígenas e ambientais. Atualmente é a primeira mulher indígena a ocupar

o cargo de ouvidora-geral do município de Belém, no Pará. Como compositora suas músicas falam das questões indígena, ambiental e amazônica. Compõe e canta em Tupi, língua materna de seu povo, e em português. Em 2021, lança seu trabalho musical com o grupo Indá Açú e outro em parceria com o músico Robertinho Silva.

Maria Firmina (São Luís-MA, 1822–1917)

Poetisa, escritora, professora e afrodescendente. Vivia no contexto de extrema segregação racial e social. Recebeu o título de Mestra Régia. Fundou em meados de 1880 a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do país. Colaborou assiduamente com vários jornais literários, tais como *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O país*, *Pacotilha*, *O Federalista* e outros. Seus livros foram *Úrsula* (1859), o primeiro romance abolicionista publicado por uma mulher negra em toda a América Latina, *Gupeva* (1861), *A escrava* (1887), e o volume de poemas chamado *Cantos à beira-mar* (1871).

Mariella Santiago (Salvador-BA)

Compositora, cantora, performer e produtora cultural brasileira em atuação desde os anos 1990. Sua atividade tem se concentrado na Bahia, expandindo-se para a cena internacional, principalmente na Europa, onde apresenta projetos autorais e participa de espetáculos multimídia. Seu trabalho integra referências contemporâneas e afro-baianas tradicionais e é marcado por premiações relevantes na área. Nele estão presentes a busca da diversidade e da transcendência, seja em solo ou em parceria com outros artistas. Atualmente desenvolve projeto solo com voz e *loopstation*, em que parte da música e dos arranjos são compostos ao vivo.

Mestra Margarida (Maceió-AL, 1935)

Maria Margarida da Conceição é a Mestra Margarida do grupo Guerreiro Santa Joana Darc. Alagoana, mudou-se para Juazeiro do Norte (CE) ainda criança, acompanhada de seu pai,romeiros do

Padre Cicero. Aos 15 anos já conduzia seu próprio grupo, que é, por tradição, formado por mulheres. A tradição de Margá (como é carinhosamente chamada pelos brincantes da cidade) é singular e de grande originalidade musical, sendo reconhecida por ser a grande matriarca da cultura Cariri.

Milena Makuxi (RR)

Cantora, violonista e artesã, indígena do povo Macuxi, graduanda em Relações Internacionais. Em 2017, foi vocalista na banda Kruviana e participou na produção do videoclipe da música “Mente Aberta”, lançado em 2019. Em 2018, integrou o coral Madrigal na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e no ano seguinte, a banda Paricarana. Atualmente é vocalista e violonista da banda Sociedade de Esquina e seu repertório é bastante eclético variando do MPB, reggae, pop rock nacional, carimbó às suas raízes indígenas com os cantos tradicionais trazendo essa vivência intercultural para o mundo musical.

Milena Torres (MG)

É natural de Almenara (MG), localizada bem próxima à divisa com a Bahia, detalhe que influencia sua cultura e sua atitude. É compositora, cantora, poeta e letrista e começou a compor letras e músicas ainda na adolescência. Conserva o apreço pela palavra e a valorização do ritmo, o que resulta em uma produção de mais de duzentas músicas registradas.

Monique Rocha (Afonso Cláudio-ES, 1984)

Cantora, atriz, compositora e arte-educadora. No decorrer de sua carreira, participou de vários espetáculos teatrais e musicais, desenvolvendo projetos que têm como foco as questões sociais, como a importância das lutas raciais, religiosas e das mulheres, explorando uma linguagem cênica e sonora, voltada para a cultura afro e cultura popular. A composição “Dona Astrogilda” mistura samba de terreiro com o congo capixaba e é uma homenagem a Astrogilda Ribeiro, grande figura da cultura popular do Espírito Santo.

Morgana Moreno (Salvador-BA, 1990)

Flautista e compositora, desde cedo se destacava por sua autenticidade, linguagem própria e som expressivo, resultados do contato com diversos estilos musicais. Sua trajetória inclui o prêmio de Melhor Música Instrumental com sua composição “Baião”, no Festival da Música da Educadora 2014, e a indicação ao Künstlerinnenpreis NRW 2015 (Colônia-DE). Morgana é bacharel em Música pela UFBA e mestra em Jazz pela Hochschule für Musik und Tanz Köln. Ensinou na Universidade de Artes de Roterdã (CODARTS) e na EPM Holanda – Escola de Choro. Possui três discos gravados.

Narubia Werreria (TO)

Narubia Werreria é da etnia Iny e atua como liderança e ativista na luta indígena e ambiental. É artista plástica, poeta, palestrante, escritora, cantora e compositora.

Neusa Martins (Belém-PA, 1918-1988)

Filha de músico amador, estudou música desde à infância e aos 10 anos compôs sua primeira valsinha. Em sua juventude sofreu de problemas respiratórios e foi com mais duas irmãs para o Rio de Janeiro se tratar. Na cidade, continuou seus estudos musicais em aulas com Magdalena Tagliaferro. Na década de 1970, a pedido de sua irmã Iolanda, compôs o *Hino aos Sapos*, peça que só veio a ser finalizada onze anos mais tarde.

Neuza França (RJ)

Nascida em Campos (RJ), viveu em Brasília por cerca de 55 anos. Aportou na capital em 1960, após ter passado em concurso público para professora de Música da primeira escola pública de Brasília, o colégio Caseb. Ao longo de sua extensa carreira como compositora e professora de piano, exerceu um papel fundamental para o desenvolvimento da música em Brasília e também para a formação de professores de música. Sua paixão pelo piano começou ainda bem pequena, aos 7 anos no Rio de

Janeiro. Ainda jovem, Neuza recebeu o diploma de Virtuosidade e Interpretação das mãos da renomada pianista Madalena Tagliaferro, tornando-se aluna, amiga e assistente da mestra. Era amiga pessoal de grandes personalidades da música, entre eles, o maestro Cláudio Santoro, Francisco Mignone, Baden Powell, Jacob do Bandolim, a quem dedicou uma de suas composições, “Mariposa da Luz”, gravada por Jacob, entre tantos outros. Quando chegou em Brasília em 1960, Neuza realizava saraus memoráveis em seu apartamento, que começavam à noite e só terminavam ao raiar do dia, com a presença de grandes nomes da música brasileira de passagem pela nova capital. Neuza foi uma pioneira da música na capital do Brasil e nos deixou em 2016, aos 95 anos de idade.

Nina Fola (RS)

Mulher negra e mãe, criada nas rodas de samba, capoeira e de terreiro. É socióloga, mestra e doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também é cantora, compositora, percussionista e produtora do grupo AfroEntes. Membro Atinúkê – coletivo sobre o pensamento de mulheres negras. Desde 2019, quando participou da residência do Projeto Concha, vem se dedicando ao seu trabalho solo, compondo canções de voz e percussão.

Rachel Peluso (Santarém-PA, 1908-2005)

Pianista e compositora nascida em Santarém em 2 de março de 1908, filha do casal de italianos Marieta e Domingos Peluso. Marieta instalou na cidade uma escola de piano, canto e bandolim. Rachel Angélica Mattered Peluso iniciou seus estudos de piano com a mãe aos 7 anos. Participou de um Festival no Teatro Vitória, em sua terra natal, sob regência de José Agostinho da Fonseca, e de 1920 a 1923 foi pianista da Orquestra Tapajós. Em 1923, mudou-se, em companhia de seus pais, para São Paulo, onde ingressou no Conservatório Carlos Gomes em Campinas. Recebeu comendas, medalhas, títulos, diplomas, troféus e condecorações. Compôs o hino oficial da Assembleia Legislativa do estado do

Pará, além de compor canções, músicas para piano, inclusive peças destinadas a crianças.

Sidália Maria Juazeiro do Norte (CE)

Realizou seus primeiros passos musicais aos 8 anos, quando se encantou pelas possibilidades musicais e estéticas da rabeça. É graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA), pós-graduanda em Ludopedagogia e Literatura na Educação Infantil pela Faculdade da Região Serrana (FARESE) e graduanda em Música Licenciatura pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). É pesquisadora da sonoridade do Cariri cearense e seus instrumentos populares.

Socorro Lira (Brejo do Cruz-PB, 1974)

Poetisa, compositora, intérprete, instrumentista, produtora cultural e psicóloga. Iniciou sua carreira na música em 2001, e desde então tem vários álbuns lançados com produção própria. Seu último trabalho é o CD *Chama* (2019-20). Foi premiada em 2012 e indicada nos anos de 2016 e 2017 ao Prêmio da Música Brasileira de Melhor Cantora (categoria regional). É idealizadora e diretora artística do Prêmio Grão de Música. Além da música, dedica-se também à escrita. Sua última produção foi *Falar dos meus amores invisíveis* (2020).

Sthe Araújo (SP)

Iniciou seus estudos de percussão no projeto social AFAGO. Deu continuidade na vivência do maracatu na Cia. Caracaxá e estudou no projeto Guri e na Escola de Música do Estado de São Paulo – Tom Jobim (EMESP). Atuou em projetos com Gilberto Gil, Criolo, Lucy Alves, Karina Buhr, Síba, Samuca e a Selva, e em shows de Luedji Luna, Drika Barbosa, As Bahias e a Cozinha Mineira, Linn da Quebrada e Jup do Bairro. Participou do Festival Transmúsica França 2019, com o cantor Edgar. Formou-se em Teatro em 2016 pelo Teatro Escola Macunaíma, com atuação em sete peças teatrais durante sua formação. Trabalhou como arte-educadora. Atualmente integra

a Funmilayo Afrobeat Orchestra, além de atuar nas bandas de Alessandra Leão, Charanga do França e Edgar.

Suzi Castro (SP)

Cantriz, estudante de pífano no Bloco de Pífanos de São Paulo e graduanda em MPB pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Tamá Freire (DF)

Filha dos mestres Teodoro Freire e Maria Sena, começou sua trajetória na cultura popular aos 12 anos. Em 2001, compôs sua primeira toada e com a benção de Seu Teodoro, passou também a compor e cantar as toadas do Boi. Tamá tem também uma relação íntima com o carnaval e com o samba do Distrito Federal. Em 1985 desfilou como baianinha pela Acadêmicos da Asa Norte. Em 2009, retornou à escola como compositora.

Tânia Cabral de Araújo (Fortaleza-CE)

Cantora e compositora, integrou a formação inicial do Pessoal do Ceará, no final dos anos 1960, assim como do movimento Massafeira Livre, em 1979, quando assinou seu nome como Tânia Cabral. Gravou no antológico LP duplo do *Massafeira Livre*, em parceria com Têti, a sua composição “O Rei”. Sua música “Boca de forno” foi vencedora do I Festival Nordeste da Música Popular Brasileira em 1969, gravada posteriormente por Luiz Gonzaga em 1970. Em 2005, lançou um CD independente com 15 músicas de sua autoria, chamado *Vale a pena*.

Telma César (AL, 1966)

Artista da dança e da música, dirige a Cia dos Pés desde 2000, se apresentou em vários estados do Brasil. No campo musical atuou como cantora, compositora e percussionista da banda Comadre Florzinha, participou de shows e CD de Antônio Nóbrega como backing vocal. Integrou, como cantora, projetos como MPB-BPM que reuniu músicos brasileiros e

escoceses, realizando apresentações no Brasil e no Reino Unido, o projeto Sonora Brasil do Sesc com o grupo A Parte, além de participações em CDs, como Projeto Cru e Cia Cabelo de Maria.

Thaline Karajá (PA)

Thaline Karajá é indígena do povo Iny encontrados nos estados do Mato Grosso, Pará, Goiás e Tocantins. Cresceu em Santarém, cidade que fica às margens do rio Tapajós, e muito jovem começou a carreira de cantora em diversos festivais de música amazônica. Aos 20 anos entrou para o ativismo ambiental e indígena e, em 2020, foi a primeira indígena a participar do *The Voice*. Também atua como maquiadora cinematográfica, atriz e poeta. Em 2021 formou o Indá Açú, um grupo musical de mulheres indígenas que cantam sobre a ancestralidade política e em defesa da nossa mãe terra.

Valéria Rodrigues (SP)

É paulista, moradora de Divino São Lourenço (ES). Aos 15 anos saiu de casa em busca de um lugar para montar uma comunidade alternativa e depois de muito rodar pelo país encontrou o vilarejo de Patrimônio da Penha, na Serra do Caparaó, onde fez morada e permanece há mais de trinta anos. Sua trajetória artística nasce com o vilarejo. Compositora dos hinos e focalizadora de danças circulares sagradas, é dirigente da igreja CEU do Espírito Santo, templo da doutrina do Santo Daime. É uma das fundadoras da ONG Amar Caparaó, que mantém um trabalho de conscientização ambiental há mais de 25 anos na região do Caparaó.

Vera Bagetti (Rio de Janeiro-RJ)

Arquiteta, mestra em Educação Patrimonial, educadora transpessoal, professora universitária, artista plástica, ativista, cantora e compositora.

Vera Capilé (MT)

Psicóloga, cantora e compositora, nascida em Dourados (MS). Desde criança adotou Cuiabá. A música faz parte de sua vida, afinal cresceu em uma família de músicos e cantores da velha guarda, das serestas e do choro. “Minha cultura musical é influenciada pela vivência nas fronteiras com o Paraguai, elaborando a fusão melódica que construiu o nosso rasqueado com o som das rezadeiras, com o siriri, a viola de cocho e o ganzá.” Já cantou com várias personalidades da música brasileira como Renato Braz, Juarez Moreira, Nivaldo Ornellas e a cantora e compositora Simone Guimarães, bem como com a Orquestra de Mato Grosso e a Sinfônica da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Vi Coelho (MG)

Cantora, compositora, instrumentista de pandeiro e de caixa de folia e cantautora. É integrante do Coletivo Negras Autoras, vocalista da banda bloco Havayanas Usadas e cofundadora, diretora e vocalista da banda bloco afrofeminista Pele Preta.

Zuleika Arruda (Cuiabá-MT)

Arte-educadora com habilitação em Artes Plásticas, educadora transpessoal, bacharel em Direito, professora universitária, pós-graduada em Gestão Cultural e Metodologia do Ensino da Arte, artista plástica, ativista, cantora e compositora.

Zulmira Canavarros (MT, 1895-1961)

Nasceu em Cuiabá, foi compositora, pianista e dramaturga. Durante toda a vida tocou piano e violino, e começou a compor e a escrever peças de teatro na adolescência. Suas composições atravessaram vários gêneros: sambas, quadrilhas, marchas, toada caipira, bolero, rasqueado, dobrado e embolada. As letras das músicas falam de amor, relacionamentos e aspectos do cotidiano da cidade. Considerada uma mulher à frente do seu tempo, deixou um extenso acervo de obras que hoje são referência para diversas artistas.

www.sesc.com.br



sesc
CNC Senac